

Artigo recebido em:
01.04.2016
Aprovado em:
25.07.2016

Mauro de Souza Ventura
graduado em Comunicação Social
- Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestre em Jornalismo e Editoração pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela FFLCH – USP; é Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) da UNESP/Bauru e Professor do Curso de Jornalismo da FAAC/UNESP/Bauru. mauroventura@faac.unesp.br

Tayane Aidar Abib
jornalista formada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação, na área de Comunicação Midiática, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; (UNESP). tayaneaabib@gmail.com

O desacomodamento em narrativas esportivas: análise das produções jornalísticas de Eliane Brum sobre a Copa do Mundo de 2014

Mauro de Souza Ventura
Tayane Aidar Abib

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre esporte e jornalismo a partir de um estudo sobre as narrativas de Eliane Brum durante a Copa do Mundo de 2014, a convite do jornal Folha de São Paulo. Desenvolve análises interpretativas de oito reportagens, com o objetivo de identificar o critério de desacomodamento – característico às produções de Brum – como uma nova possibilidade de olhar para a cobertura de megaeventos esportivos. Busca evidenciar o futebol como caminho para a compreensão da cultura e da sociedade, assim como propõe DaMatta e Barthes, e demonstrar as contribuições que podem advir de um diálogo entre o jornalismo e tais concepções.

Palavra-chave:

Jornalismo; Copa do Mundo; Eliane Brum.

Abstract

This article presents reflections on sport and journalism from a study of the narratives of Eliane Brum during the World Cup in 2014, by invitation of the newspaper Folha de São Paulo. Develops interpretative analyzes eight reports in order to identify the criteria desacomodamento - characteristic to Brum productions - as a new possibility to look at the mega sports events coverage. Seeks to show football as a path to understanding the culture and society (Da Matta 1982, 2006; Barthes, 1961), and demonstrate the contributions that can come from a dialogue between journalism and such conceptions.

Keywords:

Jornalism; World Cup; Eliane Brum.

²Conceito que resulta da caracterização da prática jornalística de Eliane Brum, cujo estudo compõe projeto de pesquisa nº 2015/12073-6, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

²A escolha do corpus define-se por uma preferência pelo gênero informativo, já que as outras sete assumem um tom opinativo e as quatro restantes podem ser caracterizadas como ‘cenas e momentos’, isto é, relatos mais curtos sobre a torcida em torno dos estádios.

³As reportagens selecionadas para análise, bem como os comentários de Eliane Brum sobre a Copa do Mundo de 2014 podem ser acessadas pelo site: <http://desacontecimentos.com/desacontecimentos/os-outros-lados-da-copa-do-mundo/>

⁴ Segundo Traquina (2005, p.190), a comunidade jornalística é uma tribo em que difundem os saberes específicos de reconhecimento (critérios de noticiabilidade), procedimento (técnicas de reportagem e entrevista) e narração (técnicas textuais de lead e pirâmide invertida) – fatores cruciais na elaboração do produto jornalístico.

Com o presente artigo busca-se, para além de uma delineação teórica, refletir sobre novas proposições ao cenário comunicacional. Pelo diálogo aberto com outras áreas do conhecimento, espera-se configurar novos valores e métodos a serem incorporados no fazer jornalístico atual. Sendo assim, dedica-se a indicar as novas perspectivas que podem advir de uma articulação entre o jornalismo e a compreensão do futebol como expressão cultural e social, de modo a destacar a presença de tais conexões no fazer noticioso de Eliane Brum, aqui denominado como Jornalismo de Desacontecimentos.¹

Seleciona-se, neste sentido, uma amostra² de oito, dentre os 19, textos produzidos por Brum para o jornal Folha de São Paulo, durante sua atuação como repórter de esportes da Copa do Mundo FIFA de 2014, realizada no Brasil. Por meio de uma análise descritiva e interpretativa do corpus, objetiva-se identificar a presença do critério de desacontecimento dando o tom diferenciado desta cobertura, assim como evidenciar, tal qual Helal e Cabo (2014, p.9), que o “futebol, em tempos de Copa do Mundo, é um texto privilegiado para se entender o Brasil, suas questões e dilemas”, sendo, portanto, um fecundo território para o desempenho da função do jornalismo, a partir do qual se pode “produzir um documento histórico sobre sua época” (BRUM, 2014, arquivo digital³).

Organiza-se, portanto, este trabalho sob três eixos de estudo: a prática dos Desacontecimentos, com a apresentação de seus valores e técnicas fundantes, o esporte na sociedade (DaMatta), com apontamentos sobre a ampliação de horizontes que pode se dar para o jornalismo ao se apropriar delas; e, por fim, uma articulação entre tais acepções, identificando as narrativas de Brum como um novo olhar na cobertura da Copa do Mundo de 2014, de modo a dialogar com a expectativa de Guerra (2012, p.205)

sobre o legado do jornalismo esportivo após os megaeventos no Brasil: “caberá ao jornalismo esportivo encabeçar, a partir do evento, uma série de desdobramentos que poderão fazer com que a cobertura ganhe aspectos diferentes do que hoje se faz”.

A escolha do corpus define-se por uma preferência pelo gênero informativo, já que as outras sete assumem um tom opinativo e as quatro restantes podem ser caracterizadas como ‘cenas e momentos’, isto é, relatos mais curtos sobre a torcida em torno dos estádios.

O Jornalismo de Desacontecimentos: proposições de procedimentos narrativos

Em cada etapa da produção noticiosa, o jornalismo de Eliane Brum revela elementos singulares que o diferem do fazer midiático tradicional. Desde o início de sua carreira, como repórter no jornal Zero Hora, em 1989, a escolha de Brum definiu-se por narrar o cotidiano das pessoas anônimas, de forma a centrar sua prática na apropriação de fatos não-marcados, isto é, “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (SODRÉ, 2009, p.76), assim rompendo com o código de produção dos acontecimentos - definido por Tuchman (1978, p.74) como a unidade de análise privilegiada pelo jornalismo e por Sodré (2009, p.98) como um “pacto implícito na comunidade jornalística⁴ sobre os valores-notícia”. Ao não partilhar da cultura profissional da comunidade jornalística, Brum desvincula-se do fazer midiático convencional e instaura a noticiabilidade do cotidiano ou do desacontecimento:

A carne da minha reportagem são os ‘desacontecimentos’, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são

contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco periférico (BRUM, 2013, p.13).

As reportagens selecionadas para análise, bem como os comentários de Eliane Brum sobre a Copa do Mundo de 2014 podem ser acessadas pelo site: <http://desacontecimentos.com/desacontecimentos/os-outros-lados-da-copa-do-mundo/>

Por acreditar na narrativa como “a chave para alcançar a complexidade – ou as várias versões – da vida do outro” (BRUM, 2013, p.75), defende-se que a prática jornalística de Brum fundamenta-se no diálogo dos afetos (MEDINA, 2008) e na ideia de movimento e abertura, presente em Buber (1982, p.56) como um “voltar-se-para-o-outro” e na técnica de apuração e de entrevista de Brum como um despojar-se para apreender os significados do outro:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro (...) com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008, p.14).

É neste sentido que Caco Barcellos afirma, no prefácio de *O olho da rua* – uma repórter em busca da literatura da vida real, que “reportagem, para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (BRUM, 2008, p.10). Está-se diante, assim, de um encontro que simboliza a palavra-princípio Eu-Tu - cerne do pensamento de Buber (1979, p.48) –, fundamento da relação

de dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. Nesta filosofia do diálogo, o Tu se apresenta ao Eu como a sua condição de existência, já que não há um Eu em si, independente. “Em outros termos, o si-mesmo não é substância, mas relação. O Eu se torna Eu em virtude do Tu”.

Por isso, o fazer jornalístico de Brum se dispõe à arte do olhar e do escutar, mobilizando os órgãos do sentido para alcançar o universo do outro e assumindo a reivindicação de Restrepo (1998, p.19) ao direito à ternura e à presença do afeto em nosso cotidiano: “se eu pudesse, eu queria escutar todas as pessoas. São tantas e tantas pessoas, tantos e tantos universos, com uma forma extremamente criativa de se reinventar” (BRUM, 2014, arquivo pessoal⁵).

Sob esta perspectiva, acredita-se que o Jornalismo de Desacontecimentos, ao interligar sensibilidade, dialogia e afetos em sua prática, amplia a possibilidade da experiência de compreensão do outro em sua totalidade, seja no nível da relação entre jornalista e fonte, como entre o leitor e o personagem narrado. Isso porque esses dois níveis coexistem em um plano de interdependência: é somente ao estabelecer uma relação de reciprocidade entre repórter e fonte que se pode gerar no leitor a compreensão humana (MORIN, 2000) acerca da presença do outro em si-mesmo, tal qual manifesta Brum em seu fazer noticioso: “não existiria esse eu sem todos esses outros” (BRUM, 2014, arquivo pessoal).

Esporte e Comunicação: o futebol como caminho para a compreensão social

Caminhamos, a partir de agora, pela via de pensamento proposta por DaMatta (1982, p.21), na qual o futebol é analisado junto com a sociedade, e não em contraste: “parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades

⁵ Trecho de entrevista de Eliane Brum concedida aos autores no dia 21 de maio de 2014

de melhor interpretar a sociedade brasileira”. Interessa-nos, assim, uma compreensão sobre o esporte para além de sua conceituação técnica. A nossa defesa, tal qual a de Helal (1990, p.14), é de que é preciso encarar o esporte como um fato social, isto é “algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas”.

Entendemos que, no esporte, a sociedade tem a oportunidade de “revelar alguns de seus segredos mais profundos, fazendo uma representação de si para si mesma” (HELAL, 1990, p.61). É neste sentido que também apontam as reflexões de Barthes sobre o homem e o esporte: “há no homem forças, conflitos, alegrias e angústias; o esporte os exprime, liberta (...) é feito para relatar o contrato humano” (2009, p.105). Propor uma abordagem sociológica para o esporte, portanto, é acreditar que entre sociedade e esporte manifestam-se relações muito complexas. Há nesta visão a ideia de que é possível ler o sistema social a partir do esporte e, especificamente no caso do Brasil, a partir do futebol.

Esse seria, à luz do pensamento de DaMatta (1982, p.24), uma espécie de “filtro” ou operador, através do qual “a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa”. A partir da sociologia do esporte, busca-se responder, então, “que tipo de vivência a sociedade está abrindo e legitimando para nós e para ela própria como sistema?” ou, em última instância, “que tipo de roupagem é essa que a sociedade veste quando se manifesta totalizada por meio de sua dimensão esportiva?”. E, a essas interrogações, acrescentamos: como o jornalismo pode dialogar com essa perspectiva? Que tipo de desdobramento pode advir de uma cobertura interessada na dimensão social e cultural expressa

a partir do esporte? Acredita-se que tenham sido essas as questões que motivaram Eliane Brum a estrejar na editoria de esportes após mais de 25 anos de carreira. Sua busca, nessa cobertura, foi encontrar no esporte a resposta para a pergunta que a move enquanto repórter: “como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa” (BRUM, 2014, p.06).

Defende-se, portanto, que, assim como em outras atuações profissionais, as narrativas esportivas de Brum dedicaram-se a compreender os significados e nuances que permearam o cotidiano de anônimos no decorrer deste megaevento esportivo. O interesse de Brum, para além das quatro linhas do estádio de futebol, residiu nos (des) acontecimentos da Copa; a pauta do Jornalismo de Desacontecimentos esteve, portanto, não nos treinamentos, escalações ou estratégias técnicas e táticas de cada seleção, mas nas manifestações sociais e culturais reveladas na vida dos indivíduos inscritos no mosaico simbólico do futebol, em uma aproximação dialógica entre prática jornalística e a proposta sociológica do esporte.

A escolha por este olhar parece concordar com o pensamento de DaMatta (2006, p.95) - expresso em uma de suas crônicas para o Jornal da Tarde, em junho de 1998 -, segundo o qual, “para ler o significado do esporte no mundo em que vivemos (...) primeiro temos que entender que não é o futebol, mas o que ele permite transportar que conta”. Destaca-se, portanto, que o futebol é capaz de engendrar um universo, e “nesse mistério de como o jogo de futebol tece em cada caso uma teia singular de eventos” (DAMATTA, 2006, p.105) o jornalismo pode se inserir para oferecer uma cobertura esportiva diferenciada para o seus leitores. Ao apreender uma das multidimensionalidades presentes no futebol, o Jornalismo de Desacontecimentos permitiu

transparecer valores culturais e sociais relevantes para se compreender o Brasil atual, os quais serão explorados em exemplificações citadas a seguir.

4 As narrativas esportivas de Eliane Brum: um novo olhar na cobertura da Copa

Espera-se evidenciar, com essa análise, a presença de elementos fundantes do Jornalismo de Desacontecimentos na cobertura deste megaevento esportivo e também indicar, tal qual Helal e Cabo (2014, p.12), que a Copa do Mundo não se trata apenas de uma competição futebolística. “As Copas funcionam como metalinguagem. Ao falarmos da seleção, de suas conquistas e derrotas, estamos falando também do Brasil e de seus dilemas”. Escreve DaMatta (2006, p.38) que, como a bola corre mais que os homens, cada Copa mostra “a tentativa feroz e corajosa de resgatar nossa própria alma (...) tempo no qual se projetam na grande tela da sociedade as nossas fantasias, temores e esperanças mais escondidos e secretos”.

O ato de torcer, neste sentido, é uma medida que muito pode revelar sobre a relação de um povo com o futebol, ainda mais em um contexto de Copa do Mundo. O verbo exprime, segundo o autor, um “laço totalizante”, que exprime uma “associação profunda, uma identidade absoluta e indiscutível” (p.113).

Para torcer, sou obrigado a usar meu corpo: minhas mãos, meus braços, todo o meu corpo que pula, abraça, soca e grita (...). É esse investimento absoluto e envolvente que faz do ‘torcer’ um autêntico ‘brasileirismo’ e um belo exemplo (...) de evento social caracterizado por ser capaz de mobilizar simultaneamente, na sua invocação, menção ou aplicação, dimensões religiosas, econômicas, políticas, morais, estéticas e ideológicas (DAMATTA, 2006, p.113).

E é justamente a apreensão deste

momento que dá o tom da reportagem Comunidade de ciganos vence preconceito ao torcer pelo Brasil. O pano de fundo é a cidade-satélite de Santa Maria (DF), especificamente o acampamento onde vive a cigana Daiane Rocha. O (des)acontecimento é o gesto que se deu entre a comunidade e os moradores durante o jogo de abertura, quando o Brasil venceu a Croácia. Em cada um dos três gols, os ciganos

O ato de torcer é uma medida que muito pode revelar sobre a relação de um povo com o futebol.

comemoram e dançaram na vitória. “Do outro lado da rua, os moradores, que até então os haviam rechaçado, torceram com eles, levantaram os braços em sinal de vitória. Ao sentir-se reconhecida como igual, Daiane chorou” (BRUM, 2014, arquivo digital). E continua: “para alcançar o tamanho do gesto é preciso compreender a profundidade da rejeição. Quando montaram acampamento, seis meses atrás, as barracas eram apedrejadas à noite”.

A narrativa revela o abismo cultural que marca o país em meio à diversidade que lhe é característica. Os ciganos lutam para resistir como cultura, mas precisam esconder a cultura para sobreviver no cotidiano, como conta Rosalina: “se souberem que sou cigana, não vendo um pano de prato e ainda me humilham”. O texto relata, ainda, a reivindicação do grupo junto ao governo local por um pedaço de terra em outra cidade-satélite, a de Sobradinho. Por isso, a apreensão de um ato singular em meio a uma partida de futebol representa tanto: “então, quando me olharam e fizeram aquele gesto de levantar os braços, torcendo,

chorei. Era como se eles dissessem que eu era igual, que eu também era brasileira. Aquele movimento de torcer foi como uma ponte”.

No desafio jornalístico da interação social, Brum transparece a postura dialógica referida por Buber (1982, p.08), em que “é preciso perceber e aceitar o outro na sua totalidade, na sua unidade e sua unicidade. É preciso que ele se torne presença para mim”. Ao se imbricar no emaranhado da intersubjetividade, captura um dos papéis do futebol, o qual comenta DaMatta em uma crônica de 1998:

Curioso e paradoxal essa energia que nos faz solidários no futebol e nos separa no decorrer dos tempos normais de trabalho e política. Como se o futebol tivesse essa capacidade mágica de permitir a nossa autoleitura um tanto otimista e esperançosa, quando em todo o resto do ano nos faz desanimar e nos fechar num mais profundo pessimismo. Com isso, aprendemos como o jogo civiliza e ordena. Como a incerteza dos resultados desperta uma imensa fé no Brasil. Aquela fé que tanto faz falta no cotidiano duro e cruel das cidades (DAMATTA, 2006, p.93).

Quando apreende a simbologia manifesta no ato de torcer, a narrativa de Brum também revela a capacidade que a torcida tem de conferir identidade e garantir que fazemos parte de um conjunto que pode atuar de forma harmoniosa: “torcendo pelo Brasil finalmente juntamos o Brasil, um país que tem bandeira, hino e um lado oficial, com o Brasil sociedade que, apesar de suas imensas desigualdades, tem uma inesgotável alegria de viver” (DAMATTA, 2006, p.43).

Em outra matéria, Fortaleza no pé: Garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua, Brum evidencia o esporte como possibilidade de transformação em cenários de desigualdade social.

Trata-se do relato da Copa do Mundo das crianças de rua, realizada em abril de 2014 no Canindezinho, na favela do Bom Jardim, em Fortaleza, a partir do cotidiano de Vinicius Marcos Pinheiro, um de seus jogadores. Nele, Brum enfoca outro conceito de Brasil, o dos meninos sem tempo, em que não se pensa sobre passado e futuro: “aos 15 anos, ele arranca cada dia do impossível, e o dia é tudo o que tem. Onde ele vive (...) a bala interrompe a existência num segundo”.

Na vertente oposta do trabalho jornalístico tradicional - o qual, segundo Tuchman (1978, p.134), dá “ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas”,- a abordagem de Brum se interessa em tocar contextos, expondo as fraturas sociais que fragilizam o Brasil. Pelo signo relacional que “garante o vínculo com o outro, com o mundo” (BUBER, 2004, p.42), Brum reconhece a singularidade presente no modo de se expressar de Vinicius, a “riqueza de sua língua” (BRUM, 2014). Para explicar como se deu a morte de Rodrigo - capitão da seleção dos meninos de rua -, em fevereiro do mesmo ano, Vinicius usa o termo catolé. Eliane pede tradução: “nesse momento, Vinicus interrompe a narrativa. ‘Você entende só um pouco de português, né?’ (...) porque o Brasil dos hotéis em que se hospedam a seleção é estranho ao dele, no avesso de Fortaleza. Mas não só. ‘Você é muito branca, achei que era gringa”.

E os contrastes deste Brasil, que parecem se tornar mais nítidos em tempos de megaeventos, também se revelam em outras passagens: “nas conversas dos meninos dessa outra seleção brasileira também se fala em estratégia. Mas são outras, as de como driblar os traficantes”. E escancaram a desigualdade abissal que separa a realidade desses garotos e de outros: “eu brinco com o que não se pode brincar. Pergunto se não é cedo para formar uma família. Vinicius me fulmina com uma frase: ‘Nunca é cedo para ter família, cedo é ficar sem’”. Em meio à dureza dos dias, o futebol é o fator

que ressignifica a vida dessas crianças de rua: “Vinicius não chora. Ele ainda está no jogo. No presente. ‘Quando eu jogo futebol, esqueço tudo’”, é o detalhe que permite a reinvenção do cotidiano, “acenando com a possibilidade que o jogo e a festa são instrumentos de mudança de posição social e de perspectiva” (DAMATTA, 2006, p.69). Nisso, parece estar presente também a capacidade do jogo de instaurar um novo tempo e um novo espaço, bem como de criar uma ordem específica e absoluta, tal qual nos diz Huizinga (2008, p.14): “introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada”.

Cenário parecido a esse é encontrado no estádio do Teresópolis Futebol Clube, em Bem perto da Granja Comary, o Teresópolis FC luta pela vida. O time não ganhava um jogo desde 2009 e disputava um campeonato da terceira divisão. Enquanto a seleção brasileira treinava na Granja Comary, o Teresópolis FC enfrentava a União Central, próximo dali, para permanecer vivo na disputa. Mais uma vez, o texto entrecruza o dia a dia de homens comuns com a dimensão transformadora do esporte, assumindo a configuração manifesta na linha narrativa de “Brasilidades”, na qual, conforme Brum (2014, arquivo digital), procura-se “compreender o futebol e o Brasil de 2014 a partir do olhar e das tensões de brasileiros menos visíveis”.

Como se pode notar nas histórias de Pretão, Lennon e William, o movimento de Brum é por reconhecer, nas pistas do que coloca Certeau (1994, p.13), “a criatividade ordinária”, pela qual “cada um inventa para si mesmo uma maneira própria de caminhar pela floresta dos produtos impostos”. Atenta-se, por isso, aos pormenores expressos nos dizeres e gestos, aos detalhes que compõem nossa trama maior; integrando, como possibilidade narrativa, a arte do diálogo -“o pilar da ação comunicativa”-, de que fala Medina (2006, p.50), com a abertura “aos dados dos sentidos” – que nos

“aproxima da singularidade dos seres” -, destacada por Restrepo (1998, p.45).

No contato com Pretão, acolhe a sutileza do nome pelo qual a vida do capitão se desenrola: “era Wanderson dos Santos - com ‘W’, ele faz questão de informar, porque dois ‘Vs’ é mais do que um, e mais é sempre bom na vida que teima com menos (BRUM, 2014, arquivo digital)”. No relato de William do Canto Coelho e de Lennon, antes Gideon de Almeida, apreende o relevo que a presença do elemento místico confere à realidade dos rapazes. William acredita ser um milagre de Deus e, por essa fé, “dá um sentido para o cotidiano de paredes descascadas, para o quarto com cheiro de chulé que divide com outros quatro”. Lennon, quando estava desistindo do futebol, confiou nas palavras de uma mulher que lhe disse que Deus o via se mudando de Minas para o Rio de Janeiro: “Quando Lennon recebeu o convite para o Teresópolis, chorou. Era a profecia realizada”. Menciona Helal (1990, p.37) essa relação, explicando que, quanto mais o esporte se profissionaliza e se torna popular, “mais próximo se coloca da esfera do sagrado”: “William faz a oração. Vai logo convocando Deus: ‘vamos entregar ao Senhor esse jogo’. Pouco antes, Pretão refletia: ‘Tem religioso nos dois times. Então, vamos correr’. Eles rezam agora com os pés (BRUM, 2014, arquivo digital)”.

Nesse texto, observa-se, ainda, o tom crítico que marcará outras reportagens: a Copa do Mundo como um evento restrito a minoria da população brasileira. O Teresópolis FC joga sem torcida desde 2009, os comentários eram de que o estádio estava interditado. “Uma mulher grita: ‘uma hora a favela vai descer! Todo mundo criado aqui neste campo e agora não pode entrar’. (...) É a primeira semelhança com a Granja Comary. O povo também fica de fora”.

A crítica fica ainda mais clara em Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele. A narrativa se inicia em Pantera, a cachorra

vira-latas de Hustene Alves Pereira, mais conhecido pela vizinhança da periferia de Osasco como Pankinha. A partir da descrição da cachorra, Eliane dá indícios da problemática que será abordada no texto em questão: o complexo de vira-latas, expressão cunhada por Nelson Rodrigues (1993, p.52), em referência à derrota brasileira no Mundial de 1950, disputada no próprio país: “por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol”.

Uma nova perspectiva para este conceito, no entanto, é trazida por Brum: “é a vantagem do vira-lata. Sem identidade gravada em pedra pela tradição, pode inventar-se e reinventar-se. Até mesmo como pantera” (BRUM, 2014, arquivo digital). A nova interpretação apresentada é resultado do próprio pensamento de Pankinha sobre a Copa do Mundo. Nela, a marca da disponibilidade da repórter aos dizeres do outro, sob uma escrita que parece bem representar o convite de

Brum resiste à herança dos métodos positivistas no jornalismo

Martino (2010, p.08) ao reconhecimento e à compreensão: “é preciso buscar, no interior dos sujeitos, os critérios de formulação do discurso. Por que meu interlocutor enquadra a realidade dessa maneira? O que há de fascinante nessa visão que não é minha e na qual estou enquanto interlocutor?”. Ao conceder a Pankinha a possibilidade de conduzir a narrativa, Brum resiste à herança dos

métodos positivistas no jornalismo (Medina, 2008), de modo a qualificar, pela inovação, os procedimentos clássicos de entrevista e redação.

No discurso de Pankinha, apesar do gosto pelo futebol – corintiano, ele coleciona recortes sobre o clube há 40 anos -, destaca-se a sua dificuldade em aceitar uma Copa no Brasil – justamente por ter “orgulho de ser vira-lata”.

Como diz muito bem o meu filho Diego, o vira-lata é uma raça forte. Assim, ser vira-lata é um orgulho nosso. E não um complexo. Alguns anos atrás eu não tinha um dente na boca, agora eu tenho dentes. Porque minha raça vira-lata cai e levanta. É esse o problema dessa Copa no Brasil: ela não é para vira-latas. E nós, os vira-latas, sabemos disso. Nós não chegaremos perto dos estádios. Então não tem nada a ver esse complexo de vira-lata. É só que nós, os vira-latas, não estaremos lá (BRUM, 2014, arquivo digital).

Verifica-se, neste sentido, a influência da questão política no debate sobre a realização dos jogos no Brasil. O contexto das manifestações é referenciado por Brum quando a mesma afirma que ainda somos ‘impotentes’ para decifrar as reivindicações de junho de 2013, assim como há um questionamento com relação à legitimidade dos gastos e dos contratos com os estádios que sediaram o evento. Pankinha veste o Corinthians como se fosse a sua pele; no entanto, desde que o Itaquerão começou a ser construído, vive um conflito:

Corintiano sempre foi vira-lata. Favelado, pobre. E fizemos um estádio despejando outros vira-latas de suas casas. Não importa se é um barraco. A casa de alguém é onde estão as suas recordações. É o que abriga aquela pessoa do frio, do sol, da chuva. É o seu lugar. É enorme mesmo sendo pequena. Como eu vou gritar gol nessa abertura da Copa sabendo que é sobre a casa

de alguém como eu? (BRUM, 2014, arquivo digital).

Esse mesmo aspecto é retomado por Brum na reportagem *Sem casa, na casa da seleção*. O relato é sobre as 50 crianças e os 30 adultos que tiveram permissão para assistir ao treino da seleção brasileira. Eles foram selecionados dentre as quatro mil vítimas da tragédia das enchentes de janeiro de 2011, “em que as chuvas e o descaso do poder público mataram centenas” e deixaram mais de 20 desaparecidos. Para o Jornalismo de Desacontecimentos, a pauta não está na cobertura do treinamento da seleção brasileira ou nos palpites de escalação para os jogos, mas nas histórias que se manifestam em seus arredores, que não costumam atender aos critérios de “marcação” da grande mídia (SODRÉ, 2009, p.76). Como o de Manoel Antonio de Oliveira da Silva, de 57 anos, dono de uma escolinha de futebol. Na tragédia, ele perdeu 3 filhos e 50 crianças de sua escola: “gosto de poder falar deles. Falar deles me deixa feliz. Reconstituir a sua escola, fazer a bola rolar em pés pequenos, é também o que o mantém vivo”.

São duas narrativas, fora e dentro do campo. Enquanto meninos e meninas contam uma tragédia grande demais para tão pouca vida na arquibancada, os jogadores driblam sobre o gramado. De alguma forma isso se junta. Como quando Rian Andrade, 13 anos, cochicha no ouvido da jornalista: ‘Vou pedir uma bola para o Neymar’ (...) Ganhou. A bola e o autógrafo (...) Mas, quando se apresentam aos jornalistas, os meninos e meninas que se desesperam com a chuva assim se apresentam aos jornalistas: ‘Eu sou da tragédia.’ É uma identidade, assim como a camisa amarela da seleção. Quando a Copa acabar, ainda serão os da tragédia. (BRUM, 2014, arquivo digital).

Pode-se pensar, então, nos escritos

de Brum sob a configuração de narrativas de complexidade, na linha do que propõe Kunsch (2010, p.17), interessadas em pensar “no quadro envolvente de multicausalidades, dos múltiplos ângulos e perspectivas”, pela tessitura de reportagens que se arriscam a entrelaçar sentidos, saberes e vozes. O percurso pela dimensão social - o elemento que instiga Brum a caminhar pelas veredas da contextualização - também é empreendido por Brum em *Comunidade pobre ao redor do Castelão assistiu à ‘elite’ desfilar*. O cenário é um corredor de uma centena de metros em linha reta, onde os torcedores passam para entrar no Castelão, em Fortaleza, para assistir ao jogo do Brasil contra o México. Na travessia, o olhar de Brum capta a “comunidade pobre que se debruçava sobre a grade na tentativa de vender alguma coisa ou só ‘ver como as pessoas se vestem” (BRUM, 2014, arquivo digital). Na voz do advogado paulistano Marco Aurélio Purini, um retrato dos contrastes evidenciados pela Copa do Mundo, que dão o tom da narrativa de Brum:

Vim para cá de táxi e o taxista, que mora aqui perto do estádio, disse que queria muito poder entrar. Eu entrei, ele não. Passei por esse corredor inteiro pensando que toda a população brasileira queria estar aqui, mas só eu e muito poucos conseguem entrar. O Castelão reflete o Brasil: uma arena moderna, de última geração, convivendo com uma das partes mais pobres de Fortaleza (BRUM, 2014, arquivo digital).

Do lado de fora do estádio, a realidade dos que, de alguma forma, tentaram participar do evento. Jurandir Fernandes da Silva, de 45 anos, é decorador de gesso e assistiu ao desfile dos torcedores pelo corredor com os amigos: “a gente fica triste de mais uma vez ficar de fora, mas a vida toda foi assim, não podemos fazer nada. Só ver eles entrar e sair”. O

contexto que se revela na posição de aceitação traduz o cotidiano daqueles que se sentem apartados em um Brasil tão desigual, assim como a sensibilidade de Brum em apreender a realidade em sua micro e macrodimensão.

Outra controvérsia sobre a Copa do Mundo foi tema de uma reportagem que buscou representar as duas forças que estiveram nas ruas na Copa no Brasil de 2014: a da polícia militar e a dos manifestantes. Trata-se de dois depoimentos, o do Steevan Oliveira – integrante da tropa de choque da polícia militar mineira – e o de Luiz Fernando Vasconcelos – uma das lideranças do protesto anti-Copa – em O PM e o militante. Logo no início, identifica-se, entre eles, “uma ponte frágil, uma amostra das fraturas provocadas pela desigualdade do país” (BRUM, 2014, arquivo digital). Os dois são alunos do curso de mestrado em direito em Minas Gerais. Steevan é o único PM: “dizem que a polícia brasileira é violenta. Mas a sociedade brasileira é violenta. O policial não vem de Marte ou da Lua. Vem da mesma sociedade desigual”. Luiz Fernando é das Brigadas Populares: “se as manifestações arrefeceram nesta Copa, um fator decisivo foi a repressão policial. A cada protesto, somos cercados, envelopados pela polícia. Ninguém entra, ninguém sai”.

Sobre as manifestações políticas, ainda é cedo para traçar análises conclusivas. Especificamente no caso dos protestos ocorridos em meio à Copa das Confederações, Helal, Cabo e Silva (2014) identificam dois pontos em comum: a insatisfação e a ‘brasilidade’ – uma espécie de nacionalismo manifesto nos símbolos pátrios utilizados pelos manifestantes. Os autores também alertam para o risco de um raciocínio simplista ou maniqueísta, que argumente que, como as passeatas ocorreram concomitantemente à Copa das Confederações, ‘quem gosta de futebol é contra as manifestações’ e pontuam:

A relação do brasileiro com a seleção mudou há décadas (...) a seleção ainda seria a ‘pátria das chuteiras’, mas não nos moldes como alçou o dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues. O Brasil também mudou muito (...) Podemos questionar se ainda seríamos vistos dessa forma ou se gostaríamos de ser vistos assim em um momento de transformações sociais e políticas da sociedade (HELAL, CABO E SILVA, 2014, p.296).

Por fim, destaca-se a última reportagem Cleto Pinto é o ‘donô’ do microfone até a seleção começar coletiva na Granja. Nela, a história de Cleto Pinto, de 60 anos, o preparador técnico das entrevistas, aquele que ajesta o microfone para a coletiva dos jogadores da seleção. “Cleto se prepara. Planeja. Estuda. Investiga. Entra no palco como um homem imbuído de um papel histórico. Ainda que ninguém grave ou transmita o que ele diz, ainda que ele seja um antes” (BRUM, 2014, arquivo digital). Na captura de um detalhe, percebe-se um sentido para um trabalho quase sempre despercebido:

‘Bom dia a todos. Estamos iniciando mais uma entrevista coletiva diretamente da Granja Comary, para toda a imprensa nacional’. E, caprichando no vocabulário: ‘E também para a hipernacional’. É assim que começa a coletiva de Cleto. Para quase ninguém, porque nesse momento a maioria dos jornalistas está no lado de fora da sala (BRUM, 2014, arquivo digital).

E nos gestos que se refazem, jogo após jogo, Cleto se ressignifica: “quando os entrevistados se retiram, Cleto está contente. O Brasil, o planeta, sabem agora o que os jogadores têm na cabeça, ainda que deles só se possa exigir maestria no pé”. No comum, nas cenas que desacomodem, reside a pauta do Jornalismo de Desacomodamentos. Na cobertura da Copa do Mundo de 2014, os

relatos de como os anônimos se inserem na competição, cada qual segundo as razões que preenchem seus dias.

Considerações finais

À guisa de conclusões, é preciso ressaltar alguns aspectos que ficaram evidentes nas produções jornalísticas de Eliane Brum sobre a Copa do Mundo de futebol. Conforme explicitado nos apontamentos introdutórios, o presente trabalho foi fundamentado sob um viés propositivo: refletir sobre possibilidades alternativas ao modelo noticioso convencional, a partir de uma articulação entre elementos teóricos da Sociologia, da Antropologia e do Jornalismo, e os procedimentos narrativos aplicados por Brum em suas reportagens.

Neste sentido, em cada etapa desta investigação, buscou-se sublinhar a presença dos valores e técnicas norteadores do Jornalismo de Desacontecimentos como um modo distinto e inovador de cobertura, estendendo-os também para os eventos esportivos. Acredita-se que a conciliação de métodos dialógicos (BUBER), sensíveis (MEDINA) e compreensivos (MORIN; KÜNSCH), unidos a uma apreensão sociológica do esporte (DaMatta), permitiu tecer narrativas dedicadas a entrelaçar sentidos singulares e coletivos, envolvendo – jornalista, fonte e leitor – em uma mesma rede de intersubjetividade, conforme verificado na análise do corpus selecionado.

A partir do interesse pelo desacontecimento, a escrita de Brum

conferiu protagonismo aos anônimos, expressou a “poética dos sentidos”, referida por Medina (2006, p.59) como um “afeto de cumplicidade, um pensar complexo, uma intuição criadora”, na configuração de registros polifônicos e polissêmicos. De modo concomitante a abordagem das ‘Brasilidades’, o retrato do cotidiano integrou-se ao quadro maior a que pertence a Copa do Mundo – política, cultura e sociedade –, pelo tom de densidade crítica e multicausal que marcou os últimos textos estudados. Neles, a busca de Brum foi por contrastar o plano real com o futebol de mercado: “a grande perda de colocar o espetáculo no lugar da realidade é que o espetáculo é imensamente inferior à realidade” (BRUM, 2014, arquivo digital).

Por seus gestos de abertura ao encontro com o outro, interligados a sua resistência ao pensamento simplificador, Brum manifestou em suas produções questões e dilemas engendrados por um megaevento esportivo, que precisam estar em pauta. Em sintonia com DaMatta (2006, p.100), “a Copa é construída por nós, mas ela igualmente nos constrói”, defende-se a necessidade de se pensar em olhares jornalísticos que valorizem o esporte como um dos caminhos, dentre tantos, que nos ajudem a entender os significados que nos fazem enquanto cultura e sociedade. Ao emprendermos essa busca, acreditamos, conseguiremos nos inserir em um debate mais amplo, de modo a resistir à espetacularização da realidade denunciada por Brum.

Referências

BARTHES, Roland. **O que é o esporte?** Revista Serrote, n 3, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009.

_____. **A menina quebrada e outras colunas** de Eliane Brum. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

_____. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real.** São Paulo: Globo, 2008.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

- _____. **Eu e tu**. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- _____. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do. **Copas do Mundo: o que elas nos ensinam sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento na cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- KUNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.
- _____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2008.
- TUCHMAN, Gaye. **Making News: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.